

A TEORIA DA MORAL DE JOHN DEWEY

LEONOR GULARTE SOLER¹; DENISE SOARES AMARO²; KELIN VALEIRÃO³

¹UFPel – leonorgulartesoler@gmail.com

²UFPel – amaro.denise@bol.com.br

³UFPel – kpaliosa@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar uma introdução a *Teoria da Moral* no pensamento de John Dewey, filósofo pragmatista estadunidense, que elaborou sua proposta de ética a partir de uma moral reflexiva. Para Dewey, diante das mudanças da sociedade e das inúmeras novas relações criadas pelo ser humano decorrente das transformações tecnológicas da evolução do próprio ser humano e do progresso científico faz com que se exija e que se crie necessidade de uma moralidade ou de uma moral refletiva, isto é, uma teoria da moral que seja atuante, adaptada às novas realidades do ser humano. O filósofo em sua obra *Teoria da Vida Moral*, apresenta uma definição de ética incialmente reconhecendo que não é correto definir algo no começo e sim, no fim do trabalho. Mesmo assim, define a ética como a ciência que versa sobre a conduta, na medida em que se considera esta certa ou errada, boa ou má. Dito de outra forma, Dewey acrescenta ainda que a ética visa dar uma explicação sistemática sobre o juízo que formamos a cerca da conduta, quando a avaliamos sob o ponto de vista do certo ou errado, do bom ou mau.

2. METODOLOGIA

A pesquisa, de cunho bibliográfico, apresentará os argumentos presentes na obra *Teoria da Vida Moral* do filósofo citado. Nesta pesquisa, o nosso objetivo é apontar os contributos do pensamento de Dewey para a filosofia, assim como fundamentar a sua teoria dos valores. Neste cenário, estudamos minuciosamente a natureza da teoria moral para o autor.

É preciso chamar a atenção para as questões mais amplas e profundas da conduta humana e visualizar o quadro de referências em que podem ser examinados. O filósofo coloca em evidência dois aspectos na conduta ou na vida moral. De um lado, é a vida com determinado fim, o que implica em pensamentos, sentimentos, escolhas, avaliações. Esses processos são estudados por métodos psicológicos. Por outro lado, a conduta com sua parte exterior, que apresenta uma relação com a natureza e, especialmente com a sociedade humana. Ele acrescenta que certas necessidades da existência do indivíduo e da sociedade demandam ou estimulam a vida moral. Dewey afirma que, enquanto as ciências biológicas e sociais estudam essas relações para com a natureza e a sociedade, a psicologia examina a conduta em sua parte interior. É preciso ligar esses dois aspectos. Estudar o processo interior, determinado pelas condições ou transformações das condições exteriores, e a conduta ou instituição exterior, determinada pelo objetivo interior ou pelo fato de afetar a vida interior. Assim, estudar a escolha e o objetivo, para Dewey,

significa psicologia; estudar a escolha, como afetada pelos direitos de outros e julgá-la certa ou errada, segundo esse padrão, significa ética.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dewey distingue três níveis de comportamento e conduta: (1) atuação motivada por várias necessidades de ordem biológica, econômica, ou outros impulsos morais como família, trabalho e etc; (2) comportamento ou conduta onde o individuo aceita, com pouca reflexão crítica, os padrões e processos de seu grupo que estão incorporados nos costumes; (3) conduta pelo qual o individuo pensa e julga por si, considera se um objetivo é bom ou direito, resolve e escolhe e não aceita, sem reflexão, os padrões do seu grupo. Dewey sugere ainda que observemos o processo de desenvolvimento que acontece na criança, ao invés de considerarmos separadamente os fatores e as forças no aperfeiçoamento da moral. Assim, esse processo segundo o filósofo, pode ser descrito como um processo onde o homem se torna mais racional, mais social e finalmente mais moral.

Os primeiros impulsos do homem são no sentido de autopreservação. Com o processo de racionalização o homem fará maior uso da inteligência para satisfazer suas necessidades. Porém, racionalizar a conduta significa, não só capacitar o homem a obter o que deseja, mas também modificar a espécie de objetos que deseja. Não viver somente para o alimento e o abrigo e sim, construir gradativamente, a vida da razão. Na visão da psicologia, acrescenta o filósofo, significa que, enquanto a princípio, o homem deseja aquilo que o corpo exige, em seguida passa a desejar coisas pelas quais o espírito se interessa. Cria-se aqui, o contraste entre o mundo e o espirito.

4. CONCLUSÕES

A teoria da moral, para Dewey, não se desenvolve com a crença positiva quanto ao que é certo e quanto ao que errado, pois desta forma, não há razão de ser, para a reflexão. Desenvolve-se quando o homem se confronta com situações nas quais desejos diferentes prometam benefícios opostos e nas quais normas de conduta incompatíveis pareçam moralmente justificadas. Somente um conflito de bons propósitos, normas e padrões do que é certo e errado é que determina um estudo individual das bases da moral.

Em síntese, a teoria moral é apenas o meio mais consciente e mais sistemático de levantar a questão que ocupa o espirito de uma pessoa que, em face de um conflito moral e da dúvida, busca uma saída através da reflexão. Dizendo de outra forma, a teoria da moral é apenas a extensão daquilo que toda a moralidade refletiva envolve. Seja o conflito, entre um bem que lhe é claro e algo mais que o atrai, mas que sabe estar errado, ou um conflito entre valores, onde um valor pode prejudicar o outro. Em ambos os casos, há uma luta moral. O homem, ao meditar sobre esse conflito, buscará conhecer um princípio razoável pelo qual possa encontrar onde, realmente, está o que é justo. Desta forma, ao fazê-lo, mesmo que involuntariamente, estará entrando no domínio da teoria moral.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEWEY, J. *Teoria da Vida Moral*:** Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril, 1980.
- DEWEY, J. *Experiência e Natureza*:** Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril, 1980.
- PITOMBO, M.I.M. *Conhecimento, valor e educação em John Dewey*.** São Paulo: Pioneira, 1974.